

Marco Bigatto

Amor e ambição

A vida secreta de Liszt



Amor e ambição

A vida secreta de Liszt

Marco Bigatto

Amor e ambição
A vida secreta de Liszt





O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidas na OBRA, que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Amor e Ambição: a vida secreta de Liszt

Copyright © 2020 Marco Bigatto

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Foto de capa e do livro:

Pixabay.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B49h

Bigatto, Marco

Amor e Ambição: a vida secreta de Liszt/ Marco Bigatto. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Pod, 2020.

138 p. : 21 cm.

ISBN 978-65-86147-45-2

1. Ficção brasileira. I. Título.

20-65504

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

20/07/2020

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

*Dedico este livro ao mundo espiritual e a você que
decidiu ler esta bela história de amor.*

Sumário

CAPÍTULO 1	9
CAPÍTULO 2	17
CAPÍTULO 3	19
CAPÍTULO 4	34
CAPÍTULO 5	54
CAPÍTULO 6	63
CAPÍTULO 7	68
CAPÍTULO 8	75
CAPÍTULO 9.....	77
CAPÍTULO 10.....	79
CAPÍTULO 11.....	83
CAPÍTULO 12.....	92
CAPITULO 13.....	100
CAPÍTULO 14.....	106
CAPÍTULO 15.....	111
CAPÍTULO 16.....	129

CAPÍTULO 1

Liszt nasceu prematura, na cidade de São Paulo, capital, com peso muito abaixo da média. Não alcançou nem dois quilos. Talvez sua natureza urgente exibida somente na vida adulta tenha raízes fincadas no mistério que ronda o útero, a gestação e a geração doutro ser. Desde o princípio conhecera fronteiras, os “entres”. Dimensões distintas.

Soube do primeiro labirinto no pré-natal, quando sua mãe descobriu que tinha eclampsia, uma doença que acomete mulheres grávidas, e não raramente levam-nas ao óbito. A gestação de um ponto a outro apresentou complicações e foi marcada por pareceres médicos sobre os riscos que rondavam uma gestante portadora deste mal. Os pessimistas – parentes, médicos, enfermeiras e conhecidos — pressagiavam que ambas não sobreviveriam. Sua avó materna, entretanto, mesmo sob tensão, se manteve em oração durante todo o curso da gravidez, não concebia nem de longe perder a filha, o neto ou ambos.

No sétimo mês, antes do esperado, começaram as contrações, as dores e o ritual completo conferido aos partos. Os eventos do dia quase consumaram os prenúncios de má sorte proferidos por alguns.

Todos, no hospital, estavam inquietos, agitados, divididos por impasses, dúvidas inúmeras e sentires dolorosos. O local tinha arquitetura de cativado e cheiro de morte em cada quarto ou sala que se abriam. A morte tem seu próprio cheiro e pode ser encontrada nos corredores de um hospital, sobretudo em um parto de alto risco.

A pressão da mãe de Liszt ultrapassou o nível do adequado: subia vigorosamente. Quando o obstetra entrou na sala de cirurgia, logo soube que não se tratava de um parto de rotina, mas de um trabalho desafiador que continha risco duplo. Após se aproximar

mar da mãe de Liszt, o obstetra analisou o quadro com perícia, proferindo a pergunta fatídica aos avós de Liszt:

— Querem que salvemos a mãe ou a filha? É impensável que ambas sobrevivam — afirmou, em tom alarmante.

— As duas — disseram aflitos, e com a simplicidade dos que não conseguem mensurar o peso e a gravidade de determinadas circunstâncias.

Fizeram uma cesariana às pressas. A equipe médica, em pleno estardalhaço, se ocupava de nascimento penoso e laborioso que rompia as fronteiras entre vida e morte. Após o parto a mãe entrou em coma, assim ficando por várias semanas. Existiu a dúvida se sairia viva de dentro dessa saga. Mas recuperou-se lentamente até se restabelecer. Ao menos, o fardo de matar a própria mãe Liszt não carregaria. Teria outros, mas não esse.

O pai de Liszt era devoto da ação, da vida operante, sem variações paralelas que habitassem fora disso. Não acreditava em abstrações e realidades impalpáveis, natureza que lhe rendeu muitos talentos com eletrônicos e tudo que povoasse o reino da informática. Ele perscrutava e resolvia tudo que viesse. Desmontava e remontava quase tudo.

Era um profissional eclético que transitava por vários campos do conhecimento técnico: da eletricidade ao complexo de informações sobre computadores. Nenhum equipamento defeituoso que lhe caia às mãos era devolvido irresoluto. Além de ser valente no labor, trazia em si determinadas iluminuras por meio das quais escapava do mundo objetivo e concreto. Por mais que o recusasse com sua racionalidade irrefreável, era intuitivo. Possuía dotes de homem forte, uma rocha diante da arte da sobrevivência, quase beirava o rude, mas amava música. Tanto amava que batizou a filha de Liszt, em referência a Franz Liszt, um compositor, pianista virtuoso, maestro, professor e terciário franciscano húngaro do século XIX. Não quis que seu rebento tivesse um nome comum, uma certeza lhe sustentava a alma: “será uma mulher especial e

carregada de virtudes”, elucubrava ele, enquanto se embrenhava no universo dos músicos clássicos.

Motivado pela divinização e idealização que nutria pela filha, Maxwell, cujo apelido era Lila, era devoto de Nossa Senhora Aparecida, trabalhava com esforço hercúleo para sustentá-la com extremado conforto o quanto lhe fosse possível. Liszt passou privações, afinal, o pai não era rico, apesar de especialmente dedicado, benevolente, devoto e afetuoso. Ela jamais conviveu com a subtração do excesso de afeto dele que nunca poupou afago, ternura e carinho paterno. O amor dele cumpria a missão de acobertar qualquer outra falta que por desventura possuísse.

Liszt teve a sorte de conviver com o pai toda infância e parte relevante de sua adolescência. Desfrutou os melhores dias ao lado daqueles olhos sôfregos de vivacidade, amor e bravura. Recebeu, sem contenção, o que raramente se vê: o melhor que pode emergir da paternidade. No requisito paterno, conheceu toda bem-aventurança que uma criança e adolescente consegue ter acesso.

Sua mãe era uma afetiva sintética e contida. Possuía meios próprios de se expressar. Meios nem sempre de fácil assimilação para os desavisados. Mantinha, no relicário mais recôndito da subjetividade, feridas e alegrias insondáveis, pelo menos para o Maxwell e Liszt. Sua presença incitava uma atmosfera de distância e mínima proximidade. Convocava algo de intangível, intocável, imperscrutável. Estava sempre olhando para o longe, onde não existe nada ou tudo. Raramente fitava o profundo dos olhos de alguém, como se isso representasse uma medida protetiva. Não entrava no mundo para que ele não se ocupasse dela. Não a invadisse.

Mercedes cuidou da filha como as boas mães fazem, em contrapartida, entre elas flutuava algo abissal que impedia qualquer proximidade que competisse com a relação que Liszt mantinha com o pai.

Uma mulher de mínimas palavras que abraçou o silêncio de tal modo, que ele se tornou seu pilar e motivação de ser. Só dizia o

estritamente necessário, mas revelava conteúdos latentes por caminhos indiretos. A culinária era um destes atalhos que seu espírito restrito encontrava para não mergulhar definitivamente em si mesmo. Consideravam-na — e era justa a consideração — uma exímia alquimista na arte de orquestrar um cardápio excepcional. Transformava ingredientes simples em um verdadeiro banquete, e esse mérito nunca fora ignorado por seu marido, parentes, amigos e filha.

Liszt nunca ousou penetrar o império íntimo da mãe com perguntas ou exigências pueris. E não o fazia porque era movida por instinto infantil ou inteligência inata. Havia uma interdição previamente disposta, e Liszt não forçava comportamentos contrários ao que a mãe oferecia. Desde criança, assimilara seu gênio contido, sintético e resguardado, compatível com quem pretende ser guardião inarredável de segredos invioláveis.

Não que Mercedes fosse mãe ou esposa ausente no sentido gélido que a palavra ausência convoca. Além de ter talentos para culinária, era exemplo incontestado de esposa dedicada que cumpria devotamente seu papel, além de mostrar-se, na maioria das vezes, uma mãe zelosa. Só que existia o lado de estar constantemente de algum modo afastada, noutra lugar, sem jamais permitir que sua alma ficasse completamente à mostra. Os fragmentos internos não encontravam muitas válvulas por onde escapar. Quando por milésimo de segundos Mercedes desocupava sua odisséia silente, esboçava um sorriso e entreolhava o centro e os arrabaldes do ambiente como se fosse uma estrangeira dentro da própria casa. Residia no "entre mundos", e sua essência habitava apenas um deles, com raros relances de evasão que ocorria pelos dotes culinários, no meio sorriso e nas frases fatiadas. Sua reserva aristocrática não parecia incomodar Maxwell, que também se mostrava completamente tomado pelos deveres de pai e marido.

Quanto às finanças, Maxwell era econômico, mas sem ser mesquinho. Trabalhava dezoito horas por dia e se esforçava para

guardar suas reservas. Algumas empresas grandes o convidavam para instalar sistemas de rede, e isto lhe rendia um bom dinheiro. A fama da sua expertise no setor espalhou-se, e nunca faltava ao trabalho. Com isso, cresceu financeiramente. Seu tino para os negócios favoreceu o crescimento. Descobriu um novo loteamento em São Paulo e achou que investir no local era promissor, pois se tratava de um lugar cercado por bairros de classe alta. O preço dos terrenos era uma barganha, sequer havia água, luz ou internet. Seria um tiro no escuro com promessas de retorno.

Assim que fechou negócio com o corretor, começou construir as casas. Uma a uma, totalizando nove. Deu preferências às casas mais robustas e ao gosto de pessoas ricas. Queria alugar ou vendê-las por um bom preço, em um futuro próximo.

Cinco anos depois, o que era previsto se cumpriu. O bairro era calmo e atraía pessoas que queriam sair dos grandes centros para residir numa região mais tranquila. Era compatível como ter uma casa de campo dentro da grande São Paulo. A fórmula era perfeita: sair dos dissabores da grande metrópole e descansar em um local com cantos de pássaros, vegetação farta e ar fresco. Uma pequena São Paulo dentro da grande São Paulo. Era assim que assimilavam a região os que haviam adquirido ali seus imóveis.

Maxwell construía oito casas, nas quais incorporou o máximo de requinte. Soube fazê-lo com maestria, preocupando-se com os menores detalhes. Ele parcelou os terrenos e o material de construção, assim ficou fácil tornar-se um empreendedor do ramo da construção. Com sua agenda de trabalho cada vez mais cheia, não foi impossível. E concluiu seu projeto sem estardalhaços financeiros.

Mercedes assistiu, com certo espanto, o desenvolvimento do marido. Não imaginou que um técnico em eletrônica poderia alcançar voos tão altos. Nesta época, mudou parcialmente seu comportamento. Queria integrar-se nos negócios do marido, saber das construções, dos valores dos imóveis. Estava participativa, empe-

nhada, interessada. Não se contentava como antes com sua posição de mulher do lar, mas esposa de um homem rico.

Liszt tinha todos os louros. O pai comprava o que quisesse. Aos treze anos conheceu o luxo e a satisfação de desejos, que outrora não eram satisfeitos. As privações não existiam mais e ela se deleitava com presentes e mais presentes com os quais o pai chegava todos os dias. Ele já não era para ela somente um pai afetuosos, tornara-se um herói, o homem que subiu ao topo levando-a junto com ele. Liszt tem seu primeiro contato com o poder. Não somente ela, mas também Mercedes, que se transformara a olhos vistos. O poder transforma a ponto de não deixar dúvidas sobre a grande influência que exerce sobre as pessoas.

Numa terça-feira, dois anos após o salto financeiro de Maxwell, São Paulo recebeu uma tempestade assustadora, raios cortando árvores, trovões balançando o medo, vento agitando telhados, chuva torrencial movendo presságios de inundação. A máquina paulista, cujo funcionamento não cessa, imobilizou-se esperando a suspensão do excesso do céu que incidia sobre a cidade. Congestionamentos, pessoas paralisadas nos pontos de ônibus, debaixo das marquises, carros que não saiam do lugar. Um *stand by* inesperado na maior cidade do país. E, para o agravo da situação, por volta das 20h, um *blackout*, num estalar de dedos, trouxe o espanto. A cidade estava perdida na fúria incontrolável da natureza, a selva de pedra não sabia quanto tempo suportaria a força das águas, do vento e da escuridão.

Na casa de Maxwell, o clima não era diferente e refletia a personalidade de São Paulo. Mercedes garantia sua privacidade com o silêncio. Estava mais embotada do que o normal, como se formulasse algum plano sinistro. Carrancuda, andava de um canto a outro da casa, encafifada com algum pensamento secreto. Acendeu algumas velas, cruzou os braços, olhava para Liszt com desconfiança e receio. Um silêncio sepulcral se formava enquanto a tempestade, impiedosamente, persistia. Ira da natureza e fúria incon-

fessa nas feições de Mercedes. Maxwell não pressentiu que nada demais aconteceria. Deduzira que tinha relação com o medo da chuva, da escuridão e não outra coisa. Não que fosse desatento, mas estava habituado com o gênio da mulher, mais de uma década de matrimônio o havia ensinado a conviver com o estilo contido de Mercedes.

Na manhã seguinte, ainda pairava o peso da noite anterior. Mercedes acordou mais cedo do que o habitual. Preparou a mesa do café da manhã e permanecia com feições de mau agouro; pressentindo de que algo ruim aconteceria naquela quarta.

— Tem algo esquisito acontecendo — sussurrou sozinha, mas não tão baixo que Maxwell, ao adentrar subitamente na cozinha, não pudesse escutar.

— É impressão tua, mulher. Deve ter sido excesso de chuva e apagão — justificou Maxwell.

— Não é nada disso — retaliou, convicta.

Apesar da negativa, o homem considerou possível a conexão entre o estado de espírito da mulher e a tempestade seguida do *blackout*. Mercedes era tradicionalista, um tanto retrógrada e se sentia perplexa diante de alguns eventos atípicos. Estava ancorada numa rotina que concebia seu equilíbrio. Trazia consigo superstições sobre mundos inferiores e superiores, e outras do mesmo domínio. Maxwell supunha conhecer a mente da mulher e não se ocupou de sua estranheza. Saiu para trabalhar sem qualquer inquietação acerca daquele mal-estar.

O telefone de Mercedes toca uma, duas ou mais vezes: "Telefone chato. Quem será?", revoltava-se. Não gostava de conversas ao telefone. Julgava tedioso e cansativo. Ela atendia a contragosto e, do outro lado da linha, uma voz balbuciante:

— Oi, Mer-ce-des — dizia sua irmã, de modo embargado.

Samira tinha problemas graves na relação com o marido e logo deduziu que a conversa seguiria a mesma toada de sempre: "briguei com ele"; "não aguento mais"; "vou embora e levar meus filhos".

— Que foi desta vez, criatura? — questionou Mercedes com hostilidade, amparada na certeza de que era realmente algo sobre brigas de marido e mulher.

— É a ma-mãe — ponderou Samira, quase enterrando as palavras que vieram à boca.

Em um sobressalto, Mercedes aumentou a voz, sentiu-se trespassada por um calafrio, apavorou-se ante a perspectiva de uma notícia ruim. Sentiu sua pele pulsar com um excesso de sensibilidade e tremor. O pulso começou bater mais rapidamente com a simples menção da palavra mamãe. Um telefonema, que era para ser casual, transformou-se numa imensa amargura. Lembrou-se da noite anterior e da sensação de mau presságio. Terá sido um sinal?

Por fim suas, suspeitas se confirmaram: a irmã com voz instável, disse que a mãe tinha falecido naquela manhã. Mercedes, de imediato, sentiu-se desfalecendo e entrando em estado de choque. Desligou o telefone sem se despedir e sentou-se estática no sofá, como se lutasse para assimilar o que acabara de ouvir. Possuía fortes vínculos com a mãe e sequer teve tempo de prever que ficaria sem ela tão cedo. Quando o marido chegou, ainda estava na mesma posição. Balbuciou a notícia, tentando reconhecer o sentido das próprias palavras. Estava definitivamente órfã e, dali por diante, era obrigada lidar com isso, ainda que fosse necessário dispor de todas as forças que possuía.

CAPÍTULO 2

O luto trouxe transformações na vida interna e externa de Mercedes. Uma explosão de eventos tornaria a mulher contida numa outra mulher. Ela já não era tão silenciosa quanto antes, demonstrava com frequência um estado de amargura, reclamava de suas mazelas e se tornara uma consumista compulsiva.

Maxwell estranhou a mudança, mas, com o passar dos dias, presumiu que se tratava somente de uma alteração repentina e provisória de humor, e que na verdade estava relacionado com o processo de luto, nada além. Contudo, os sentimentos que emergiram do coração de Mercedes não eram, para ela, provisórios. Pela primeira vez, pensou em separar-se do marido e morar na cidade onde nasceu – Terras Altas. Queria regressar às suas origens e levar a filha consigo, a fim de iniciarem uma nova jornada contando com outros ares, quer seja, mudar tudo, de rotina, talvez instaurar uma vida social ativa naquele lugar que ela conhecia extremamente bem desde sua infância.

Alguns meses se passaram e Mercedes foi amadurecendo a ideia da reviravolta. E foi numa quinta-feira, com um sol escaldante e os nervos aflorados, que Mercedes fez as malas e partiu. Levou Liszt consigo sem nada dizer ao marido. O que mais lhe interessava, agora, eram os bens de Maxwell. Tornara-se gélida e com pouco ou nenhum compromisso afetivo com os outros, com exceção da filha.

Invadido por decepção e tristeza, Maxwell entregou-se ao trabalho. Era verdadeiramente apaixonado por Mercedes, e a perda da mulher amada significou um golpe maior do que seu espírito conseguia suportar.

Sempre que estava triste, trazia memórias do incêndio que fez arder o Edifício Joelma e ceifou muitas vidas. É comum em estados depressivos trazermos à tona eventos trágicos ou que tristemente marcaram nossas vidas.

Na época do incêndio ele morava em São Paulo, e seu instinto de salvador tinha sido brutalmente atingido pelo ocorrido, a ponto de atravessar vários meses com as imagens das pessoas caindo na sua cabeça e no seu coração. Demorou até que ele se recuperasse.

Depois de dois meses sem a mulher e a filha, Maxwell contraiu um tumor no cérebro, que o consumiu por inteiro no raio de algumas semanas. Seu corpo e sua alma não toleraram prosseguir sem Liszt e Mercedes, as motivações de sua existência.

Maxwell, antes de morrer teve um flashback de toda a sua trajetória de filho de um vaqueiro a um homem, chefe de família, embora distante— encarando a morte com coragem— tinha uma consciência tranquila e um bom coração— lembrou da esposa e se deteve na lembrança daquele pedacinho de paraíso que foi Liszt e, assim, sorrindo por lembrar do sorriso da filha querida Liszt, veio a falecer.

Com a morte do marido, Mercedes herdou uma boa quantia em dinheiro e vários imóveis. Era, agora, uma mulher rica que vivia dentro de uma sociedade modesta, que aprendeu a respeitar seus caprichos.

Liszt sofreu em silêncio a morte do pai. Não acreditava que a mãe estava capacitada para compartilhar uma perda tão profunda. A indiferença de Mercedes obrigou Liszt a reprimir sua dor e nunca a dividir com ninguém. A repressão da dor cobraria um alto preço na vida adulta e, a morte do pai, o cunho mais traumático.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2020